

SEÇÃO DE LIVROS

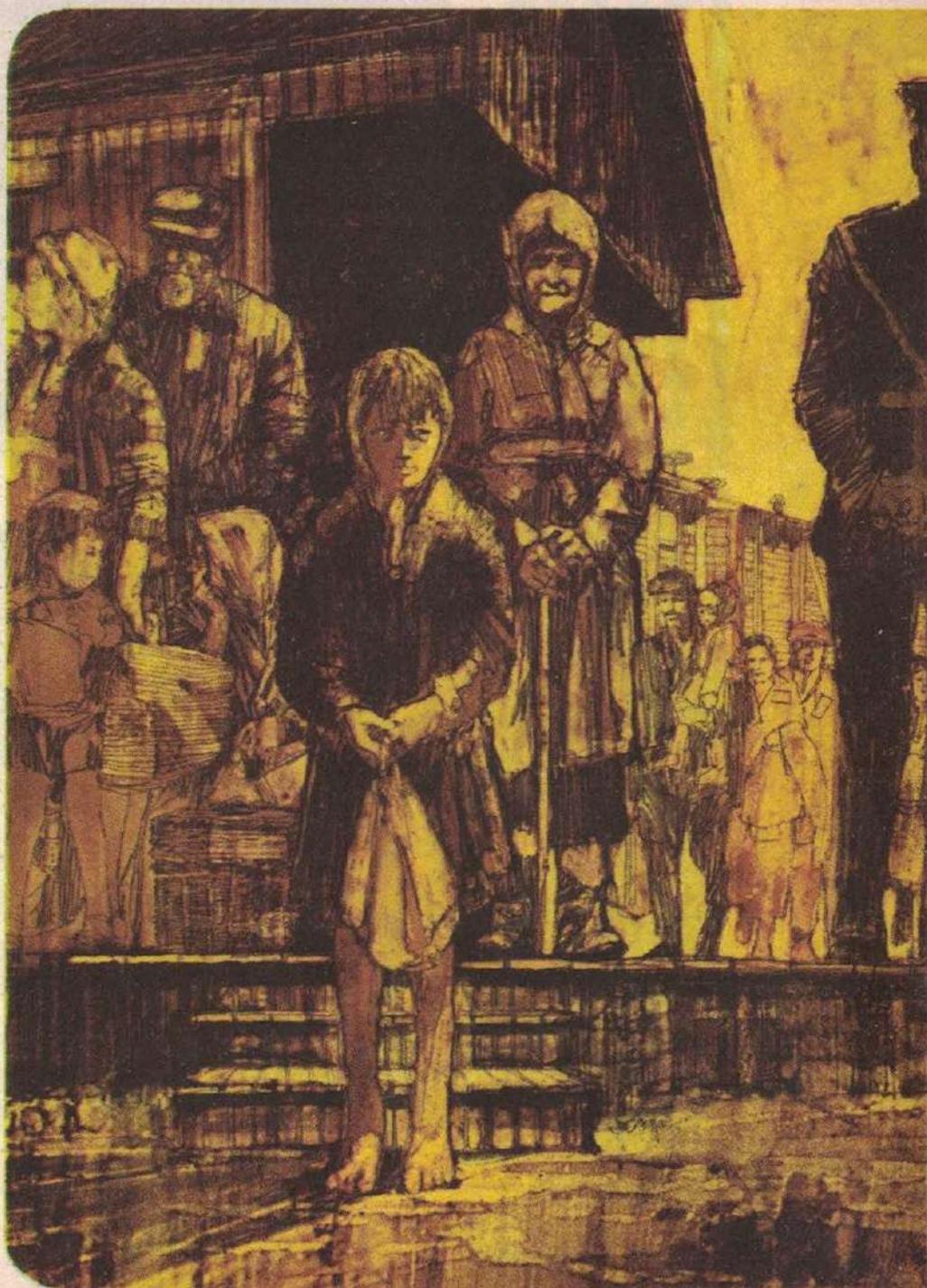


# Minha Infância na Sibéria

Condensação do livro de  
**ESTHER HAUTZIG**

# Minha Infância na Sibéria

*Para quase todo o mundo o próprio nome da Sibéria conjura imagens de exílio e terríveis provações. Mas quando Esther Hautzig, com 10 anos de idade, foi mandada para lá em 1941, ela a viu com um sentimento infantil de esperança e coragem, e isso fêz uma mágica diferença*





**D**URANTE SEIS terríveis semanas o trem de gado, sem ar, tinha rodado conosco para o Leste. Quando finalmente chegamos ao nosso destino, descemos numa pequenina e miserável estação de madeira. Além dela a terra estendia-se até à eternidade, plana, desolada, sem árvores. Não havia uma colina à vista, nem qualquer detalhe característico. Era um mar enorme e sem ondas de relva ressequida e morta.

Perplexa, virei-me para meu pai.

—Tata (papai, em polonês)—perguntei—por que a terra é tão plana aqui?

—Devem ser as estepes, Esther—respondeu êle.

—Estepes? Mas as estepes são na Sibéria.

—Isto é a Sibéria—explicou êle baixinho.

Fiquei assombrada. Sibéria era o lugar para onde iam os criminosos e inimigos políticos, onde as pessoas morriam como môscas. Sibéria era a tundra e montanhas imensas de neve. Sibéria eram *lôbos*.

Eu tinha 10 anos, era filha única e mimada. As mudanças desde a nossa prisão tinham ocorrido com

demasiada rapidez para que eu pudesse assimilá-las. Seis semanas antes, em junho de 1941, soldados russos tinham irrompido em nossa casa em Vilna, na Polônia, e ordenado que nos arrumássemos para partir. Deram-nos exatamente 10 minutos. “Vocês são capitalistas e portanto inimigos do povo”, explicou um deles. Levaram-nos para a estação e nos empurraram para dentro de um vagão de gado. Éramos eu, minha mãe, meu pai e minha avó. Havia 800 pessoas ao todo, 40 em cada carro. A não ser meu pai, que era evidentemente abastado, dono de uma loja que ocupava metade de um quarteirão em Vilna, nenhum dos deportados parecia muito capitalista. Havia alguns pequenos comerciantes entre êles, mas na maioria eram simples camponeses poloneses.

A longa viagem deixou-nos empoeirados, suados e incrivelmente sujos. Eu tinha as mãos pretas de sujeira e meu cabelo exalava um cheiro horrível.

—Tata!—disse eu suplicante.

—Lalinka! (Queridinha).

Meu pai segurou minha mão por um segundo. A uma ordem em russo, tomamos nosso lugar, os quatro,

numa fila e preparamo-nos para marchar em direção a uns edifícios que mal se viam no horizonte.

Caminhamos por uma estrada de terra sem uma única árvore que desse sombra. O Sol de julho dardava sobre nossas cabeças e algumas pessoas mais idosas começaram a perder os sentidos e cair à beira da estrada. Olhei apreensivamente para vovó. Aquêlê frágil passarinho—tinha 1,50 m de altura—agüentava a marcha com dificuldade. Ela havia deixado a casa como se estivesse saindo para almoçar, de luvas brancas, um vestido de sêda estampada e, caído sobre o ôlho, um chapéu à Greta Garbo. Nessa altura, ela estava inteiramente desgrenhada, mas aquêlê chapèuzinho, ainda empoleirado em sua cabeça num ângulo petulante, era como um estandarte esfarrapado, o nosso pendão pessoal, um sinal de que a família continuava junta.

Naquela noite deitamo-nos em nossas novas instalações, uma construção de madeira, sem quaisquer adornos a não ser retratos imensos de Lenine, Stalin, Marx e Engels. Tínhamos sido designados para o grupo de trabalho forçado numa mina de gêsso, e partilhávamos um quarto com mais 22 pessoas, mas tivemos sorte. Papai arranjou-nos um canto. Num compartimento inteiramente nu duas paredes para nos encostarmos eram um luxo.

Não havia luz, mas por fim a Lua apareceu e iluminou os corpos adormecidos. Na sinagoga, que minha fa-

mília freqüentava em Vilna, eu imaginava que as preces tinham de ser detalhadas e específicas. Pedia a Deus exatamente o que eu queria e fazia promessas exatas de boa conduta em troca. Tentava negociar honestamente. Quando Vilna estava sendo bombardeada, eu rezei: “Bom Deus, por favor não deixes as bombas caírem na casa Rudomin, na Avenida Grande Pogulanka, e prometo que *tentarei* não responder mal a minha mãe amanhã.”

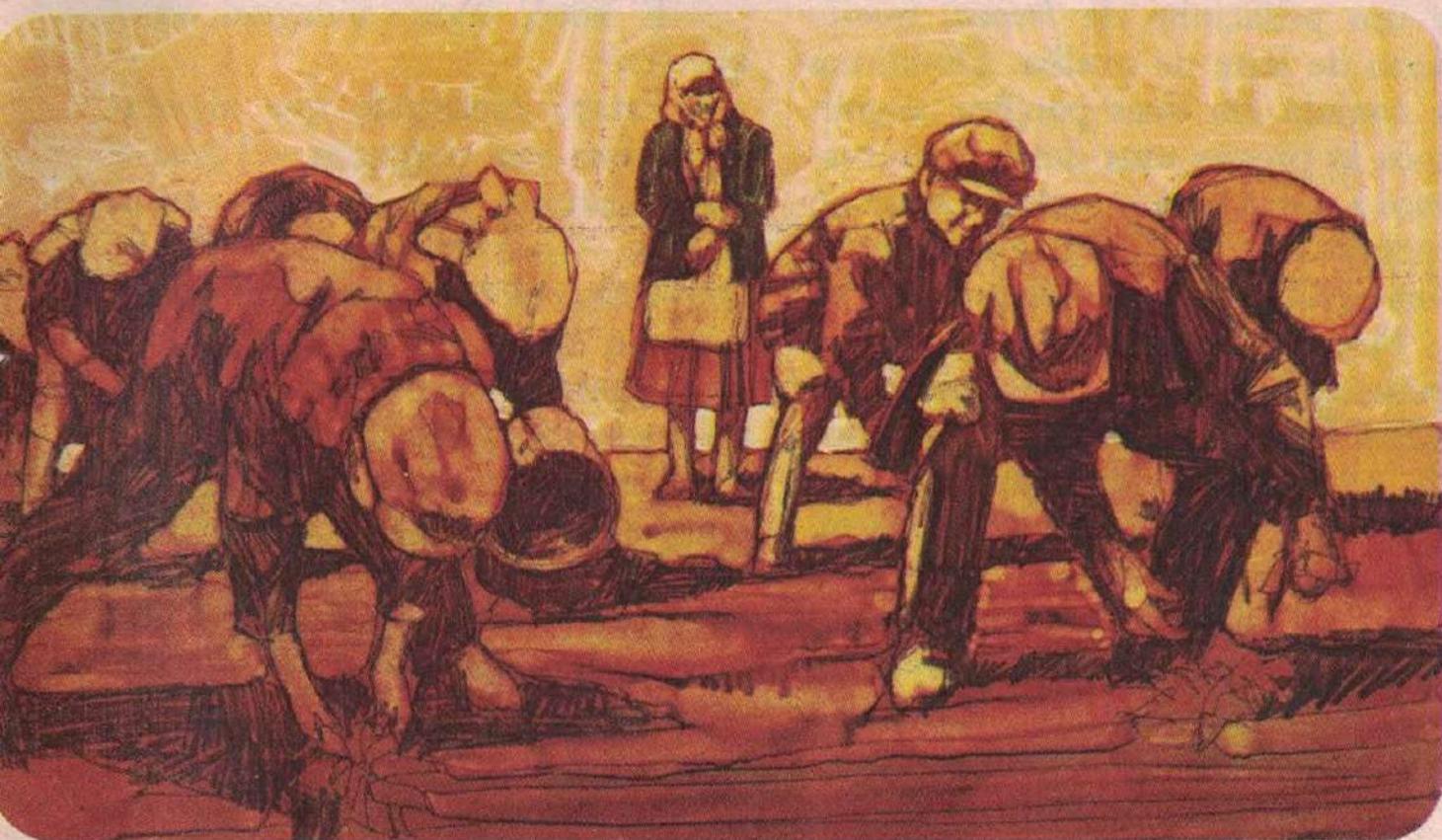
O sistema dera resultado. Nenhuma bomba caíra em nós. Mas, enquanto o luar delineava as formas amontoadas e adormecidas na choupana despida, eu compreendi que tinha sido descuidada. Deixara de pedir a Deus que nos salvasse de uma mina de gêsso na Sibéria.

### Pão e Brinza

NA MANHÃ seguinte, às seis horas, soou um apito para acordar-nos. Como ninguém se despira naquela noite, a toaleta consistiu em esticar uma saia, apertar o cinto de uma calça, alisar o cabelo na cabeça suja.

Fomos bruscamente mandados para nossos postos de trabalho. Êsses tinham sido decididos por decreto. “Os homens conduzirão carroças ou trabalharão nas minas”, disseram-nos. “As mulheres dinamitarão, as crianças trabalharão nos campos, os velhos cavarão a terra.”

Meu pai, designado para uma carroça, quis substituir minha mãe na dinamitação, mas ordens eram ordens e nada pôde ser alterado.



E lá se foram sem um segundo para dizer adeus. Deixadas para trás, ali em pé desoladamente, havia uma dúzia de crianças. E logo fomos levadas para uma plantação de batatas, onde uma mulher de lenço na cabeça esperava.

“Camaradas crianças”, saudou ela. O título pareceu-me engraçado, mas ela estava muito séria. Advertiu-nos de que, se não fizéssemos o nosso trabalho direito, passaríamos fome no inverno. Arrancou uma folha fina de relva e levantou-a. “Erva daninha! Não presta! Fora!” Apontou para uma batateira mirrada. “Batata. Muito bom. Fica. Não arranquem batata junto com a erva. Arranquem com cuidado. Arranquem para *comer* no próximo inverno.”

Ajoelhei-me e comecei a arrancar

a erva com tanto cuidado como se estivesse realizando uma cirurgia cerebral. Mas eu já estava convencida de que iríamos passar fome naquele inverno. Em vez das folhas verdes e das flôres bonitas e brancas de um batatal viçoso e fértil, aquelas plantas eram marrons e murchas. Seria necessária uma vara de condão para tirar dali uma colheita.

Depois de várias horas o apito tocou e disseram-nos que nos juntássemos aos nossos pais. Os adultos vieram da mina suando muito e mais desganhados do que antes. Minha mãe tinha o cabelo escorrido e meu pai parecia ter sofrido insolação. Vovó parecia perto de desmaiar.

Fizemos fila diante do escritório da mina e cada um recebeu 300 gramas de pão, a nossa ração diária,

e um pedacinho de *brinza*, queijo feito de leite de ovelha. Dividimos a comida em duas porções, engolimos às pressas uma delas e reservamos a outra para o jantar. Quase no mesmo instante, o apito soou outra vez e voltamos ao trabalho.

Pelo fim do dia, os exaustos componentes do nosso alojamento tinham feito pelo menos uma conquista. Alcançáramos uma camaradagem reservada, algo sutil que dizia: "Bem, aqui estamos numa mina de gesso da Sibéria e juntos sobrevivemos." Começamos a conversar uns com os outros, sempre cautelosamente, mas conversávamos.

As mulheres contaram como haviam feito buracos, com a perfuratriz mecânica a sacudir-lhes a vida para fora do corpo e fazendo-lhes bôlhas nas mãos. Mamãe, que tinha trabalhado de sandálias, gemeu ao tirá-las; tinha os pés cobertos de bôlhas.

—E como foi o seu dia?—perguntou papai a vovó.

—Como poderia ser?—respondeu ela.—Cavei aquela coisa. Cavei durante todo o dia.

Começou a remexer em seus pertences, evidentemente procurando alguma coisa vital. Afinal encontrou: seu pequeno estôjo de unhas. E então, sentada no chão de um barracão vazio na Sibéria, coberta de pó de gesso da cabeça aos pés, minha minúscula avó começou a fazer as unhas. Tôda a noite antes de se deitar ela fazia isso. É verdade que tinha mãos excepcionalmente bonitas.

—E você, Tata—indaguei eu—que fêz?

—Estava esperando que alguém me fizesse essa pergunta.—Tinha o rosto abatido, mas os olhos eram alegres.—Você tem aqui um grande carroceiro.—Fêz uma mesura.—Meu trabalho era atrelar o cavalo à carroça, enchê-la de gesso e conduzi-la até a um caminhão. Portanto, atrelei o cavalo à carroça, está bem? Uma coisa simples, certo? Muitos tolos têm feito isso, por que não êste? Contudo, sendo esta a primeira vez para mim e sendo eu um homem consciencioso, levei talvez 10 vêzes mais tempo do que outro tolo. Mas, afinal, ficou pronto, o cavalo foi atrelado e ficamos ambos muito satisfeitos. O cavalo, devo dizer, foi muito prestativo.

A seguir êle carregou a carroça com gesso. Resmungou e esfregou as costas e as pessoas que tinham chegado perto para ouvir resmungaram também inadvertidamente.

—Subi—continuou êle—tomei as rédeas e disse "Eia!" O cavalo, que era um animal obediente, partiu a trote. Houve só uma coisa errada, um detalhe. Êle partiu sòzinho. Deixou-me lá na carroça, e partiu. Aí têm vocês o que é um cavalo siberiano . . . traíçoeiro.

A risada que se seguiu foi áspera pela falta de uso. Mas foi uma risada, e habituamo-nos a usá-la como nossa primeira linha de defesa. Muitas das coisas de que iríamos rir nos dias que se seguiram dificilmente produziram a sombra de um sor-

riso nos salões da Europa, mas precisávamos tanto disso como de pão.

### Livres por um Dia

A VIDA na mina de gesso logo se tornou uma monotonia que parecia tão sem fim como a própria estepe. Arrancada do sono pelo apito da manhã, eu acordava logo, mal notando a diferença. Fazíamos o que nos mandavam, realizando o mesmo trabalho dia após dia; mastigávamos nosso pão com queijo (ocasionalmente, como um regalo especial, havia uma tigela de sopa com pedacinhos de carne) e dormíamos.

Uma tarde, entretanto, fomos reunidos em frente do escritório da mina para ouvir um aviso emocionante. Todos os domingos dali em diante seis pessoas poderiam ir à aldeia de Rubtsovsk, a 12 quilômetros de distância, se a permissão fosse requerida com antecedência. Papai sugeriu que Rubtsovsk não valia a caminhada exaustiva, mas eu e vovó logo nos apresentamos e, dois domingos mais tarde, partimos pela estrada poeirenta às seis da manhã.

Tínhamos ouvido que aos domingos na vila tinha um mercado, um *baracholka*, onde poderíamos trocar mercadorias por rublos. Rublos significavam comida, talvez batatas—qualquer coisa que não fosse pão com *brinza!* Por isso, levamos alguns objetos para vender: uma combinação de seda francesa de mamãe, uma camisa de seda de papai feita sob medida e o guarda-chuva preto de seda, com cabo de prata, de vovó.

O ar estava ainda fresco e leve, e um gavião voava alto por cima de nós. Sentindo-me estranhamente desleal, pensei que a estepe estava só um pouquinho bonita naquela manhã. Quando a mina se perdeu de vista, fiquei tão contente que comecei a cantar.

—Vovó—disse eu—sabe de uma coisa? Estamos finalmente fazendo alguma coisa que nós queremos fazer... e sòzinhas. Estamos *li-v-r-r-ees...*

Vovó olhou em volta depressa:

—Psiu! Fale mais baixo.

Caminhamos cerca de três horas através da estepe desolada sem encontrar outra pessoa. Então apareceu a aldeia no horizonte; a princípio parecia uma miragem, sempre se afastando de nós, mas finalmente chegamos lá, e ela era real, maravilhosamente real para meus olhos famintos. Rubtsovsk tinha uma igreja abandonada com a torre em forma de cebola, um banco, uma biblioteca, uma escola e até um cinema e um parque com um coreto. Mas eu só tinha olhos para a praça do mercado, fervilhante de gente.

Abrimos caminho através de uma multidão de homens com gorros pontudos e mulheres de lenço na cabeça. Eram rostos cordiais (algumas vezes com cicatrizes de úlceras produzidas pelo frio) e as vozes agradáveis. Fazia-se comércio em torno de nós e havia bancas de comida com produtos das fazendas coletivas. Havia montes de mercadorias sobre mantas ou nas pedras nuas da praça:

botas velhas, casacos, lenços, livros, caldeirões e panelas. Num canto uma mulher torrava sementes de girassol numa fogueira. O cheiro era de dar água na bôca.

Encontramos um lugar para ficar e eu imediatamente ergui a combinação de mamãe, que esvoaçou ao vento. Instantâneamente fomos cercadas por gente curiosa a fazer perguntas. De onde éramos? Onde morávamos? Eram extremamente amáveis e francamente perguntadores aquêles siberianos nativos. Respondendo da melhor maneira que podíamos no nosso russo limitado, conseguimos fazer os nossos fregueses em potencial notar a beleza da renda e o fato de que havia 16 varetas no guarda-chuva. Mãos grosseiras, acostumadas a cavar a terra para arrancar batatas e que haviam sido ulceradas pelo frio mais de uma vez, tocavam aquelas coisas delicadas quase com devoção.

Depois de muito bem-humorado regateio, vovó e eu conseguimos vender as coisas que tínhamos levado. Muito orgulhosas com nossos recém-adquiridos rublos, tornamo-nos freguesas. Mas que comprar? Olhamos barracas que vendiam melancias, pepinos, batatas, leite, farinha, pão branco (um grande luxo) e carne. Tudo era incrivelmente caro. Andamos para diante e para trás, de banca em banca, sem tomar uma decisão. Eu fiquei inteiramente imóvel diante das sementes de girassol que estavam sendo torradas, aspirando ostensivamente o seu aroma.

Vovó contou os rublos que tínhamos. “Venha”, disse ela. “Compraremos um pouco. Para que servem as avós?”

E assim é que a nossa primeira compra foi um copo pequeno de sementes de girassol. Enfiei uma das sementes entre os dentes e extraí-lhe o caroço minúsculo. Saboreei-o como se fôsse chocolate suíço, e não podia ser mais delicioso.

Depois de muito regatear, compramos também um pedaço de carne e um saco de farinha. O Sol começava a descambar; era tempo de começar o longo estirão de volta à mina. Caminhando penosamente pela estepe solitária, estávamos ambas muito alegres, pensando no *baracholka*. Se ao menos pudéssemos viver na aldeia, pensei, e pudéssemos ir ao mercado todos os domingos, então a Sibéria seria suportável.

Comecei a calcular as coisas que eu poderia vender: três vestidos, uma blusa, um casaco . . . Vovó me interrompeu rindo: “Pare, Esther, antes que você fique nua em troca de um copo de sementes de girassol!”

### Uma Cabana Confortável

O OUTONO não chega às estepes com uma exibição de fôlhas côm de fogo; chega com um vento forte, ululante. Começou uma noite no princípio de setembro e deixou-me aterrada. Pensei que todos os lóbos da Sibéria se tinham reunido na mina para nos devorar. A temperatura baixou rapidamente e também o nosso ânimo. A perspectiva de um

inverno siberiano passado na mina não era animadora.

Então um dia fomos chamados outra vez para uma reunião. E dessa vez as notícias foram quase inacreditáveis. Nós já sabíamos que em junho Hitler tinha rompido sua aliança com Stalin e atacado a Rússia. Agora nos diziam que o Governo polonês no exílio, em Londres, concluía um pacto com os soviéticos. As relações diplomáticas tinham sido reatadas e os deportados poloneses anistiados.

A multidão suspirou, um suspiro coletivo, pequeno, de alívio, que foi levado pelo vento. Aqui e ali um homem ou mulher disfarçadamente fêz o sinal da cruz. Não tínhamos mais que permanecer na mina, informou-nos um oficial. Aquêles que o desejassem poderiam mudar-se para a vila, onde teríamos empregos com pequenos salários.

Aquêles que o desejassem! Esquecendo as maneiras apropriadas a uma criança deportada em lugares públicos, abracei meu pai.

—A aldeia! A aldeia!—gritei várias vezes.

Fomos designados para um quartel nos arredores de Rubtsovsk e três dias depois mudamo-nos para lá em carroças puxadas por cavalos. O quartel consistia numa série de simples estruturas de madeira, e estava longe de ser confortável. Mas tínhamos dois luxos a que não estávamos acostumados. O primeiro era as *nari*, tábuas de cerca de 1,80 m de largura colocadas sôbre seis per-

nas. Podiam não ser fôfas, mas eram camas, uma para cada família.

O outro luxo era um lampião de querosene, só um, para ser exata, para todo o aposento, mas era a primeira vez desde que havíamos deixado a casa que tínhamos qualquer luz. Não estar aprisionada pela escuridão fazia-me sentir quase livre.

Não obstante, dentro em pouco eu já me sentia descontente. Uma das atrações de Rubtsovsk era a sua escola. Algumas crianças poderiam achar a ausência de aulas a mais atraente das privações siberianas. Não eu; eu gostava da escola e queria matricular-me. Sendo o quartel fora da aldeia, eu ainda não tinha o direito de freqüentá-la.

Mas eu aborreci tanto meus pais, que êles concordaram em procurar moradia na cidade. E num domingo, em fins de setembro, todos nós vestimos nossas roupas melhores e menos sujas e fomos procurar uma cabana. Como tôdas as cabanas estavam ocupadas, nós teríamos de morar com outra família. Precisávamos de alojamento para sete, pois nós tínhamos ligado a amigos, uma mulher e seus dois filhos.

Mamãe e papai, que falavam excelente russo, revezavam-se batendo às portas, mas recebiam sempre a mesma resposta: que sua casa era muito pequena para nos receber, mesmo se nos separássemos. Finalmente chegamos a uma cabana de troncos com um estábulo nos fundos e galinhas ciscando em frente. Desta vez a mulher, uma robusta cam-

ponesa de perto de 30 anos, fêz-nos uma inspeção rápida, com um olhar astuto, depois sorriu e disse-nos que entrássemos e examinássemos a casa.

Mas quem podia olhar? No fogão, desprendendo um aroma celestial, estava uma verdadeira sopa camponesa: carne, batatas, cenouras, repôlho e cebolas. Meu nariz separou os ingredientes um por um.

—Pare de respirar tão fundo—disse papai.—Afinal não é o pato assado de mamãe.

—Nem costeletas *kiev*—sussurrou a nossa amiga.

—Poderemos agüentar isso se tivermos de morar aqui?—indagou mamãe.

—Suportamos pior que isso—respondeu papai.—Coragem, todos.

Foi resolvido. Por 45 rublos por mês alugamos uma parede da cabana onde podíamos colocar as *nari*. O contrato foi fechado quando o marido da mulher—chamavam-se Nina e Nikita—entrou e serviu um copo de vodca para papai e outro para êle. Era uma cabana agradável e bem bonita. Fiquei contente.

Nessa altura mamãe trabalhava numa padaria em Rubtsovsk e papai se empregou como guarda-livros (vovó não tinha mais que trabalhar). Apesar disso, as nossas rações eram pequenas. Fazíamos fila no armazém do Estado regularmente para comprar pão, farinha, milho e, manjar dos manjares, um pedaço de carne de vez em quando. Como não tínhamos tido horta no verão anterior, não tínhamos legumês.

Mas estávamos satisfeitos. À noite era até bom ouvir o vento uivando lá fora, pois aumentava o conforto em volta do pequeno aquecedor de Nina. E, melhor que tudo, eu ia para a escola!

### Precisando de Uma Amiga

NA MANHÃ do meu primeiro dia de aula acordei com uma escuridão tão misteriosa como o coração de uma floresta. Mas o uivo de um lobo na estepe me orientou, e lembrei-me de onde estava. Inclinei-me na beira da nossa *nari* e passei os dedos pelo pequeno caderno de notas que me fôra dado pela diretora da escola. O material era escasso e ela só tinha isso. Mais tarde, quando acabei o caderno, passei a tomar notas em jornais velhos, escrevendo entre as linhas.

Saí da cama, vesti as roupas de baixo e, envolvendo-me no casaco, fui tiritando à casinha lá fora. A Lua e as estrêlas ainda estavam brilhantes e claras. Olhei para a Lua e rezei para ter amigas na escola. Depois, com mêdo de estar sendo gananciosa, retifiquei o plural: *uma* meninazinha para brincar bastaria.

Agasalhei-me o mais que pude. O inverno rigoroso ainda não chegara, mas já tivéramos neve. Fui sòzinha para a escola, memorizando concentradamente o alfabeto russo.

A escola foi uma surpresa. No meio do grupo de edifícios velhos e desbotados que era Rubtsovsk em 1941, ela se destacava: madeira branca brilhante, janelas de vidro claro,

ornamentação vistosa sob os beirais e uma cêrca branca de estacas. Dentro havia um corredor largo com os sempre presentes retratos icônicos de Lenine, Stalin, Marx e Engels. As salas de aula davam para êsse corredor e ficavam com as portas abertas para receberem todo o calor de um fogão colocado no centro. As salas estavam começando a se encher de crianças que se sentavam nas carteiras com seus casacos e chapéus e, em alguns casos, com as luvas. Físicamente, o prédio era indubitavelmente frio, mas para mim, que morria pela minha infância perdida, aquêle lugar onde as crianças faziam trabalho de criança, onde prevaleciam a sanidade e a ordem, era como uma lareira queimando que me convidava a me aproximar.

Encontrei a minha sala e entrei. A professôra, uma mulher baixa, atarracada, com cabelo cortado curto, estava de pé junto do quadro-negro. Ela se voltou quando eu entrei e olhou-me com tanta severidade que meu coração se contraiu. "Você é Esther Rudomin", disse ela. "Da Polônia. Seu russo é fraco." Era como se estivesse lendo num dossiê criminal. "Será meu trabalho fazê-la melhorar. Meu nome é Raisa Nikitovna. Vá para a última carteira da terceira fila e sente-se."

Tomei o meu lugar. Então, quando a campainha tocou, todos se levantaram, fizeram uma reverência a Raisa Nikitovna e cumprimentaram-na solenemente. Sem qualquer preâmbulo, ela pegou um livro e dis-

se o número da página. Era uma fábula de Ivan Krylov, e todos tinham um livro, menos eu. Senti-me como o único soldado sem arma. Inclinei-me para a menina ao meu lado e perguntei se podia ler com ela. Ela concordou com relutância. Era muito bonita, com cabelo curto louro e olhos azuis. Perguntei-lhe o nome, mas ela me silenciou, dizendo que não era permitido falar em aula.

Minha primeira lição foi memorável por ser um tanto vaga. Não só Krylov fugia de mim, perdido como estava num mar de letras cirílicas, mas também o livro. Minha bonita companheira de banco dava um jeito de afastá-lo do meu campo de visão, o que me obrigava a forçar a vista, mexer-me e cutucá-la para que aproximasse o livro de mim. Mal eu tinha lido o primeiro parágrafo quando Raisa Nikitovna começou a fazer perguntas à classe. Felizmente a pergunta que ela me fêz referia-se ao início da história e eu pude responder em meu russo hesitante. Para alívio meu, nenhuma das crianças riu.

Como eu iria verificar, a disciplina em classe não era problema na Sibéria. Naquela região áspera, a um pequeno passo apenas do analfabetismo em massa, ir à escola era um privilégio com o qual ninguém se atrevia a brincar. Os professôres também compartilhavam essa atitude. Aí, iria eu descobrir, até as crianças pequenas eram ensinadas com uma paixão quase desesperada. Não que não houvesse professôres ineficientes

ou indiferentes. Mas na minha experiência eles foram raros e percebi que eram olhados como párias.

Quando a aula terminou, Raisa Nikitovna apresentou-me à classe e disse que eu era da Polônia. “Você compartilhará os livros com Svetlana”, acrescentou ela. “Levante-se, Svetlana.”

Svetlana era a loura bonita ao meu lado. A perspectiva de ler com ela não era animadora.

Então a campanha tocou e tivemos um recreio curto. Fui imediatamente cercada por crianças, que fizeram mil perguntas. Onde era a Polônia? Que língua falava o povo de lá? Era frio? O interesse delas era lisonjeiro... mas perturbador. Eu queria uma amiga da minha idade e, logicamente, deveria ter sido a menina com quem eu tinha de estudar. Mas, quanto mais atenção eu recebia, mais Svetlana se amuava.

No correr do dia conheci os homens e as mulheres que deviam ensinar-me Matemática, Alemão, História e Geografia. A História, descobri, era dada com algumas omissões curiosas, e uma delas era o último czar. Ele simplesmente desapareceu da História. Nem uma só vez a execução dêle e de sua família foi mencionada pelo professor. Nem por mim, devo dizer. Instruir os meus companheiros de classe sobre os fatos relativos ao czar seria o mesmo que oferecer a cabeça ao cepo. E eu não tinha interesse em ser heroína, e muito menos mártir.

Afinal, o dia acabou. Eu estava

exausta. Tínhamos recebido grande quantidade de deveres de casa e perguntei a Svetlana se podia ir a sua casa para estudar. A resposta foi um brusco “Não!” Eu poderia ir buscar os livros à noite quando ela tivesse terminado e levá-los para casa para estudar sozinha. Evidentemente, ela era a rainha do quinto ano e no meu primeiro dia, sem querer, eu me tornara sua inimiga natural.

### “Eu Lhes Disse que me Matassem”

O TEMIDO inverno siberiano chegou com uma grande tempestade. Parecia impossível que o vento e a neve que rolavam através de milhares de quilômetros de estepe não carregassem a nossa minúscula cabana. As janelas estavam cobertas de gelo, e, espiando por uma fresta da porta, eu via apenas o interminável redemoinho de neve. Era como se estivessemos rodando através do espaço em total isolamento.

Agora, para sair, vestíamos tôdas as peças de roupa existentes, transformando-nos em figuras grotescas. Mamãe aprendeu o modo siberiano de enrolar o seu xale de crochê por cima da cabeça, cobrindo o rosto, deixando apenas um olho de fora. Contra as úlceras do frio ela passava gordura de ganso no rosto, nos dedos das mãos e dos pés. Felizmente mamãe e papai encontraram algumas botas velhas e remendadas, *pymi*—botas que vão até ao joelho, feitas de feltro—no *baracholka*. Eram uma necessidade.

Mas a neve e o frio não foram os únicos transtornos naquele inverno. Eu tive bronquite e durante muitas semanas não pude ir à escola. Foi um golpe terrível. Depois Nina anunciou que estava grávida e que não teria mais lugar para nós. Encontramos outra cabana, mas era muito menos agradável. E então—de tôdas as coisas a mais aterradora—uma tarde papai não voltou do trabalho. Esperamos muito tempo, mas êle não aparecia. Isso era muito esquisito.

Mamãe tentava explicar a sua ausência, mas não convencia.

—Talvez os livros não fechassem certo—dizia ela—e êle esteja procurando o êrro.

Saí e olhei para a estrada já quase escura. Não havia nenhuma sombra se movendo no crepúsculo. Estava muito frio e voltei para a cabana.

Depois de algum tempo, vovó disse:

—Mas um êrro tão grande, Raya?

—Até um errinho pode tomar muito tempo—respondeu mamãe.

Resolveu levar comida a papai. Quem sabia quanto tempo êle teria de ficar lá? Mas voltou confusa. O lugar de trabalho de papai estava deserto.

As horas passavam. As estrêlas e a Lua apareceram. Mas não Tata. Finalmente, despimo-nos e metemo-nos debaixo das cobertas. Mas eu fiquei acordada a maior parte da noite à escuta. Creio que os sons que eu desejava que fôsem os passos de papai na estrada eram, na realidade, as batidas do meu coração.

Amanheceu e papai não tinha voltado. Mamãe foi à padaria para dizer que estava doente e que teria de ir ao médico. Depois voltou para casa e juntou-se a nós na vigília. À tarde estávamos chegando ao histerismo. Mamãe decidiu que eu devia ir ao lugar onde papai trabalhava para ver se descobria alguma coisa. Mas ninguém sabia de nada; todos se afastavam de mim. “Onde posso saber o que aconteceu com meu pai?”, implorava eu. Ninguém respondia. Todos naquele dia estavam muito ocupados com livros e papéis.

Então, quando eu estava saindo do edifício, um homem idoso dirigiu-se a mim. Olhando em volta para se certificar de que ninguém o ouvia, falou-me em segredo no ouvido. Corri para casa com a notícia assustadora de que papai tinha saído com um homem da NKVD, a polícia secreta.

Esperamos tôda a tarde, revezando-nos a olhar pela janela. O Sol gélido do Norte estava desaparecendo quando afinal avistei uma figura curvada aproximando-se da cabana. A porta se abriu, e era Tata, quase irreconhecível. Tinha os olhos fundos e o rosto branco como a neve da Sibéria, e as mãos tremiam-lhe violentamente.

—Tata!—Comecei a me abraçar com êle.—Que aconteceu?

—Açúcar?—perguntou papai debilmente.

Sim, tínhamos um pouco. Guardávamos açúcar para épocas em que a fadiga extrema, o desânimo ou a

doença exigissem energia. Papai tomou uma colher de chá de açúcar e um copo de água, derramando a água por causa do tremor da mão. Depois deitou-se e fechou os olhos.

—Está tudo bem—murmurou.—Contarei a vocês mais tarde.

Dormiu muitas horas. Quando acordou, mamãe deu-lhe outra colher de chá de açúcar e um pouco de pão. Então êle começou a falar. Um agente da NKVD tinha-o procurado de manhã, levando-o para o escritório da polícia.

—As luzes . . .—Protegeu os olhos com os dedos trêmulos.—Que luzes . . . sentaram-me diante delas e falaram. Perguntas . . . Perguntas . . . horas e horas. Êles se revezavam, não paravam nunca.

—Que desejavam?—perguntou mamãe.

—Você não acreditaria. Queriam que eu espiasse todos os poloneses na aldeia e os informasse sobre suas atividades. “Que atividades?”, perguntei. “Que pensam que fazemos além de tentar manter o corpo e alma juntos? Nossas atividades? Estão loucos?”

—Você disse isso, Samuel?—perguntou mamãe, horrorizada.

—Eu disse isso. Disse-lhes que nossas atividades eram alimentar nossas famílias, manter-nos aquecidos, evitar sermos colhidos pelas tempestades fora de casa. Falei assim, Raya. Ainda não posso acreditar que não me tenham dado um tiro.

Esperamos que êle continuasse. Afinal disse:

—Também chorei. Pela primeira vez em anos. Foi depois de tôdas as ameaças: deportação, Deus sabe o quê. Foi quando me estavam tentando subornar. Comida. Uma casa melhor. Cigarros. Baixei a cabeça sobre a mesa e pedi-lhes que parassem. Não, disse-lhes, eu não espionaria os meus amigos. Disse-lhes que podiam matar-me.

Abracei meu pai. Estava muito orgulhosa dêle.

### Accita Afinal

QUANDO voltei para a escola, as crianças cercaram-me fazendo perguntas. Mesmo na Sibéria não havia nada como um membro quebrado ou uma doença prolongada para fazer uma heroína momentânea da criança mais desprezada. Que é que eu tinha tido, perguntavam animadamente. Tifo? Pneumonia? Escarlatina? Ficaram completamente desapontadas quando souberam que tinha sido apenas bronquite. Mas pareceram satisfeitas por eu ter sobrevivido. Só Svetlana agiu como se uma doença fatal lhe tivesse agrado mais, e mostrou-se muito impaciente com a minha inabilidade para pôr em dia as aulas que eu perdera.

Entretanto, eu estava começando a me sentir menos intrusa, quase como que se fôsse dali. Diverti-me com a ironia de a pequena capitalista acompanhar os jovens camaradas cantando juntos a “Internacional”. “Erguei-vos, prisioneiros da fome; erguei-vos, párias da terra”, cantava eu com tanto entusiasmo como

o resto. Cantar com os outros aumentava o sentimento de pertencer. “É o conflito final . . . pois o soviete internacional será a raça humana.” E erguia o punho junto com o resto.

O dia em que fui convidada para tomar parte num jogo de dominó ou amarelinha foi muito importante, e fui para casa estourando para contar a vovó. Mas eu ainda não tinha uma melhor amiga, ninguém com quem trocar segredos, ninguém com quem brincar de bonecas (as bruxas de pano eram o máximo). E, como todos sabem, não ter uma melhor amiga é não ter amigas. Por tôdas as regras e regulamentos, devia ser Svetlana, mas ela não cedia.

No comêço pensei que ela fôsse pretensiosa. O pai dela era diretor de uma fazenda, membro da classe administrativa. Êles moravam numa casa branca e limpa que tinha cortinas nas janelas e tomavam leite todos os dias e comiam ovos com frequência. Eu ia a sua casa apanhar os livros, mas nunca era convidada a ficar. Eu havia notado que os filhos dos “chefões” tendiam a ficar juntos e pensei que Svetlana tivesse receio de ter uma deportadazinha miserável como amiga.

Mas pouco a pouco vi que não era assim. Svetlana era muito camarada de outras crianças bem menos afortunadas do que ela. Por que não eu?

Um dia descobri. Outra menina da minha classe segredou-me que era Svetlana que me invejava, porque —imaginem!—eu tinha brilhantes

tranças compridas e ela não! Comecei imediatamente a minha campanha para cortar as tranças.

A abordagem direta não deu certo. A meu pedido mamãe respondeu com um brusco “Não!” Continuei a insistir; ela se mantinha firme. Eu coçava a cabeça ostensivamente, mordida as tranças, fingia que o cheiro delas me incomodava.

—Tôdas as outras têm cabelos curtos—argumentava eu.

—Uma boa razão para você ter cabelo comprido. Você é você e elas são elas.

—Não quero ser eu. Você não entende.

Talvez não entendesse. Mas deve tê-la magoado imaginar até mesmo a possibilidade de sua filha se desfazer da única herança para poder ser aceita numa estranha terra de exílio.

—Esther!—protestou ela.

Não pude conter as lágrimas, confusa e frustrada. Será que ninguém se importava com a minha necessidade de pertencer ao meu meio?

—Conversaremos sôbre isso amanhã—disse minha mãe lentamente.

Na tarde seguinte ela me disse lacônicamente que não havia sabão. Porque eu não podia lavar a cabeça, ela cortaria o meu cabelo. Mas não por outro motivo. Eu estava entendendo? Oh, sim, afirmei, exultante e abençoando a falta de sabão.

Ela pôs mãos à obra, e logo a tarefa ficou terminada. Estava quase chorando quando apanhou as tranças tosadas. Eu também fiquei um tanto

desolada. No espelho eu parecia qualquer coisa que o gato tivesse agarrado. Mas o julgamento final seria feito por meus colegas.

Deu certo. Eu tinha realizado o rito da iniciação. Para melhor ou para pior, eu me tornara um dêles.

—Êh, estúpida!—gritou um menino quando deixei de pegar uma bola que êle jogara para mim.

Eu estava começando a ser feliz. Um dia poderia até ter sorte bastante—quando minhas roupas estivessem inteiramente em frangalhos—para usar as roupas como as dêles (roupas que, embora novas, eram de qualidade bem inferior). Um dia, se eu tivesse muita sorte, poderia até ter um casaco verde acolchoado, um *fufaika*.

Depois da escola fui com Svetlana até a sua casa e contei-lhe êsse desejo secreto. Pela primeira vez ela me pediu para ficar. Comemos sementes de girassol, cuspiendo as cascas até que ficamos com o queixo cheio delas, como barbas. Pensei que ia morrer de felicidade.

### Uma Convocação Para a Frente

COM A chegada das chuvas da primavera e o degêlo, a estepe siberiana transformou-se num mar de lama. Andar nela era como andar em melaço até aos joelhos. Com freqüência eu tinha de parar e procurar um sapato que ficara para trás. As idas e vindas de mamãe à padaria quase requeriam mais energia do que ela podia reunir. Diversas vêzes ela parava exausta, com as duas pernas en-

terradas na lama, pensando que só um guindaste poderia tirá-la dali.

Mas, com lama ou não, mesmo na Sibéria eu podia sentir minha infância despertando outra vez. Eu brincava de tempo-será e amarelinha no pátio da escola e tinha uma melhor amiga para mexericar. Svetlana e eu estudávamos juntas; ela me ajudava na gramática russa e eu a ajudava nas composições. Ir à escola tornou-se uma viagem diária ao paraíso e foi triste o dia em que chegaram as férias. Fôsse qual fôsse o equivalente siberiano do refrão das crianças quando chegam as férias—“Chega de lápis, chega de livros”—eu não me juntei ao côro.

Todos nós começamos a trabalhar imediatamente na plantação de batatas. O govêrno havia distribuído lotes individuais de terra nos arredores da aldeia e compramos batatas pequeninas para plantar. De manhã cedo saíamos com pás e sacos de batatas para atacar, adular e amanhoar a terra inflexível. O que produzíssemos seria nosso. Êsse era um incentivo que valia a pena ser lembrado quando ficávamos com as costas doloridas e a pele empolada pelo Sol.

Com o verão em cima de nós, a cabana tornou-se sufocante, os insetos aumentaram e a proximidade de tantas outras pessoas tornou-se intolerável. Papai decidiu investigar a possibilidade de encontrar novas acomodações para nós. Na parte norte da aldeia encontrou algumas cabanas desocupadas e em ruínas. Não tinham aquecimento, nem soalho, nem vi-

dros nas janelas. Mas estavam vazias e, miraculosamente, tivemos permissão de nos mudarmos para uma. Ficamos sós afinal!

A cabanazinha miserável tornou-se a casa dos meus sonhos e, todos os dias, depois da plantação de batatas, eu a limpava o melhor que podia. Juntei estrume, misturei-o com barro e tapei as frestas das paredes. Depois cobrimos tudo com cal, e papai de algum modo conseguiu vidro para as janelas. Com vários metros de gaze de hospital, que o pai de Svetlana conseguiu arranjar, fiz cortinas e tingi-as de um bonito amarelo-claro, metendo-as numa panela de água fervendo com cascas de cebola. Pendurei-as nas janelas com pregos e fiquei muito orgulhosa com o resultado.

Embora medisse apenas três metros por quatro, a cabana era o céu. Comíamos quando queríamos e dormíamos quando queríamos. Tínhamos o nosso próprio fogão para cozinhar (do lado de fora) e até nossa pequena horta ao lado da cabana, onde plantamos tomates e milho que Svetlana nos dera.

Era bom demais para ser verdade.

O verão forte e sêco passou. Arrancamos as batatas e a colheita foi aterradoramente pobre. O milho era bom, mas pouco, e os tomates já os tínhamos comido. O longo inverno à nossa frente seria de fome e não discutíamos isso.

Então um dia o carteiro veio à nossa casa. Isso era uma ocorrência rara na Sibéria, especialmente para

deportados. A carta era endereçada a papai e era um envelope branco comprido. Examinei-o atentamente, como se fôsse um artefato de outra civilização. Papai abriu-o e ficou pálido. Era uma ordem para se reunir a uma brigada de trabalho que trabalhava perto das linhas de frente russo-alemãs. Até agora essa guerra, a mais gigantesca de tôdas, tinha-me parecido irreal. Era verdade que, mesmo em Rubtsovsk, eu tinha ouvido falar de como os alemães haviam repellido os russos até ao Volga. Mas não líamos jornais, nem ouvíamos rádio. Agora a guerra explodia bem dentro da nossa cabana.

“Lalinka!” Papai estendeu a mão para mim. Corri para êle e escondi o rosto em seu ombro. Êle me embalou para trás e para a frente sem dizer uma palavra.

Mamãe chorou. Ela não tinha lágrimas com facilidade, e quando ela chorou vi confirmados os meus piores receios. Para nós êsse foi um acontecimento trágico.

No dia anterior à partida de papai, mamãe não foi trabalhar. De manhã foram juntos ao nosso canteiro de batatas para ver se por milagre alguma tinha sido esquecida. Numa situação em que os maridos em outras partes do mundo passariam suas últimas horas em casa examinando negócios financeiros com suas mulheres, os deportados na Sibéria tinham um único assunto a discutir: comida. Em nosso caso, a questão era terrivelmente séria. O que tínhamos dificilmente daria para dois meses.

Mas o vazio das nossas barrigas não seria nada comparado com o vazio da nossa cabana sem papai. O dia em que êle partiu foi o pior de tôda a minha vida. Passei-o chorando. Deitei-me na cama e chorei incessantemente. Nem mesmo a Sibéria pudera extinguir o encanto e a alegria de meu pai, e êle repetidamente me havia aquecido com essa luz brilhante.

Mamãe foi à partida de papai sòzinha, sem mim e sem vovó. Vovó foi para o campo e eu fiquei na cabana, ainda chorando.

### Um Presente Inestimável

DURANTE aquelas primeiras semanas depois que meu pai partiu, nada conseguia aliviar-me o sentimento de perda. Todos os dias eu esperava em vão uma carta, e havia sempre dentro de mim a mesma pergunta: quando tornarei a ver papai? O sentimento de perda foi ainda aumentado pela mudança em mamãe e vovó. De certa forma, elas também se haviam perdido em parte para mim. Pobre mamãe, que antes olhava a vida com senso de humor, tentava substituir papai, mas agora estava demasiado cansada e demasiado preocupada com o inverno que se aproximava.

E logo surgiu outro perigo, imediato. Ela voltou para casa uma noite parecendo mais ansiosa e preocupada do que de costume. Meia dúzia de pessoas na padaria tinham ficado doentes com o que parecia ser gripe comum, mas logo se viu que era influenza. Agora três delas estavam

mortas e outras haviam sido atacadas. Em pouco tempo, estávamos no meio de uma epidemia.

Fiquei apavorada com a possibilidade de perder mamãe e vovó. Mas não foram elas que ficaram doentes, fui eu. Felizmente, não foi coisa grave. A médica foi visitar-me logo e ficamos chocadas de ver como estava cansada e abatida. As dificuldades de tratar uma epidemia de tal magnitude sem remédios suficientes estavam estampadas em seu rosto. Mas haviam-lhe prometido uma enfermaria mais bem equipada e possivelmente mais um ou dois médicos. Breve? Talvez não suficientemente breve.

Embora eu não estivesse seriamente doente, tive de ficar de cama várias semanas. E, deitada na cama, eu apurava o ouvido à espera do carteiro. Êle nunca veio. A vida parecia totalmente miserável e sem alegrias e eu pouco fazia para ocultar êsses sentimentos da minha mãe. Uma noite ela olhou para mim durante muito tempo como se dissesse: "Que vou fazer com esta criatura lamentável?" De repente ela decidiu. "Você vai ter uma festa de aniversário", disse ela. "Uma festa de verdade!"

Ah, pensei, agora mamãe enlouqueceu. Uma festa de aniversário na Sibéria? Nesta cabana? Eu quase tinha esquecido que havia coisas assim.

O meu aniversário é no fim de outubro, no mesmo dia do aniversário de casamento de meus pais. Em casa sempre foi uma data espe-

cialmente alegre. Durante semanas mamãe e a empregada faziam bolos e balas. Minha governante e eu fazíamos chapéus de papel dourado e golas plissadas de palhaços. Cortávamos e colávamos fôlhas de papel de côr em diversas formas de decoração, e umas 50 crianças iam à nossa casa.

Meu 12.º aniversário teria de ser celebrado numa cabana de estrume na Sibéria. Não via como isso poderia fazer-se.

Despreocupadamente mamãe gastou quase tôdas as batatas que tínhamos na despensa (batatas que esperávamos durassem pelo menos outro mês) para fazer um caldeirão enorme de ensopado. Convidou companheiros deportados de Vilna: a Sr.<sup>a</sup> Kaftel e sua linda filha Anya, a Sr.<sup>a</sup> Marshak e o filho Boris, e também uma ou duas pessoas da comunidade polonesa que ela havia conhecido no *baracholka*.

Elas levaram presentes: uma maçã, um pedaço de carne, uma beterraba e um saco grande de sementes de girassol, presentes maravilhosos, imensamente apreciados. Havendo pouco combustível, sentamo-nos nas camas sem tirar o casaco, e havendo poucos pratos e colheres, revezamo-nos para comer o ensopado. Cantaram a música de aniversário para mim, e depois os adultos puseram-se a tagarelar, enquanto eu escutava alegremente. Todos disseram que foi uma festa maravilhosa, e foi mesmo.

Mais tarde ficamos em silêncio. Os convidados tinham saído. Ma-

mãe deitou-se na cama dela com os olhos fechados. Eu e vovó tínhamos dado cada uma um beijo desejando-lhe felicidades em seu aniversário de casamento.

Eu estava pensando: onde está Tata? Se ao menos estivéssemos todos juntos aqui na Sibéria!

Mamãe abriu os olhos. Era como se tivesse lido os meus pensamentos. “Hoje nós rimos”, disse ela. “Ficamos contentes com uma maçã e um pedaço de carne. A vida continua. Algum dia será melhor, Esther.”

Sim, dizia ela, apesar do desconforto e da miséria, somos pessoas que prezam a vida. Hoje celebramos o ato de estarmos vivos.

Foi o seu presente de aniversário para mim.

### Trabalhando por . . . Leite, Farinha e Batatas

AS NOSSAS batatas só iam durar mais uma semana e nós tínhamos apenas uma nota de 30 rublos para nós sustentarmos durante todo o mês de novembro. A mensalidade de cinco rublos para os meus lanches na escola (uma fatia de pão e às vêzes um pedaço de queijo) estava vencida. Sem outro dinheiro, mamãe teve de me deixar levar a nota de 30 rublos para a escola.

Não sei como, perdi-a. Voltei para casa quase histérica e mamãe teve uma enorme dificuldade para me acalmar:

—Tudo vai dar certo—assegurou-me ela.—Encontraremos alguma coisa para vender.

Vender a comida que se obtinha no armazém do Estado era ilegal e passível de punição rigorosa, mas mamãe olhou pensativamente o pedaço de pão que ainda tínhamos.

—Eu farei isso, mamãe—disse eu.

—Não, você não.

Mas no dia seguinte depois da escola fui ao mercado livre levando o pão disfarçadamente debaixo do casaco. Estava morta de medo, mas consegui vender o pão por 20 rublos. E naquela noite decidi que de um modo ou de outro eu também devia ganhar dinheiro.

Mamãe não quis saber de eu deixar a escola, e então decidi fazer tricô, pois poderia fazê-lo à noite em casa. Mamãe tinha certeza de que qualquer mulher em Rubtsovsk sabia fazer tricô tão bem como eu, mas eu descobri algumas exceções. Meu primeiro trabalho foi para uma mulher que havia perdido grande parte de uma das mãos e não podia mais costurar. Ela queria um suéter para o filho e disse que forneceria a lã—era lamentavelmente pouca—e me pagaria com um litro de leite e um balde de batatas. O trabalho levou quase um mês, mas fiquei muito orgulhosa quando nos regalamos com o leite e as batatas que eu ganhara.

Levei muito tempo para achar a minha segunda freguesa. Chamava-se Marya Nikolayevna. Era uma mulher bonitona, espôsa de um oficial superior do Exército. Tinha fugido de Leningrado quando fôra invadida pelos alemães. Com um casaco de pele de foca e brincos de brilhantes,

ela passeava pelo *baracholka* como uma rainha. Vendo-a lá um dia e pensando na nossa despensa vazia e no pequeno estoque de carvão, perguntei-lhe se eu poderia fazer algum tricô para ela.

—Que espécie de lã você tem, minha querida?—indagou ela. Eu lhe disse que não tinha nenhuma.—Então—falou ela, rindo—sugiro que você arranje alguma... se puder neste lugar esquecido por Deus.

E, com um aceno leviano da mão enluvada, afastou-se.

Um vento gelado trouxe o cheiro de sementes de girassol torradas na minha direção, e miseravelmente eu me encaminhei para a barraca em que eram vendidas.

—Menininha, menininha!—Virei-me e vi Marya Nikolayevna segurando no ar uma saia de tricô suja, rasgada, que ela descobrira à venda.—Pode fazer um suéter disto?—Mesmo que fôsse uma cota de malha, eu diria que sim.—Se puder—continuou ela—eu pagarei com um saco de farinha, um balde de boas batatas e, como acabei de comprar uma vaca, algum leite.

Sorriu como se sua generosidade fôsse uma adorável fraqueza. Mas foi um preço mesquinho, e só o meu orgulho diante daquela mulher rica me impediu de regatear.

Tomei as medidas dela com um pedaço de barbante. Então, agarrada ao trapo de saia como se fôsse um tesouro, corri para casa. Lavei-o cuidadosamente com um precioso pedaço de sabão, e depois, ponto por

ponto, comecei a desmanchar a saia e amarrar centenas de pedacinhos de fio. Nada a não ser o estômago vazio me teria induzido a levar avante uma tarefa tão aborrecida e enervante. Eu me agarrava à visão de uma farinha branca maravilhosa, batatas perfeitas e leite tão bom como o que vinha de uma vaca de raça. E quando pensava que não poderia desmanchar nem mais uma carreira ou dar mais um nó, aumentava a visão incluindo uma bonificação: um pedaço de carne ou talvez um ou dois ovos.

Comecei a tricotar com furiosa concentração. Tricotava até mesmo enquanto estudava, com um livro escolar encostado num lampião de querosene pequeno. E quando o querosene acabava, eu tricotava no escuro. Levei diversas semanas para terminar o suéter, mas parecia feito de lã nova.

Quando Marya Nikolayevna chegou para experimentar o suéter, correu os olhos pela cabana majestosamente e, quando inspecionou nosso alojamento humilde, seus olhos refletiram apenas desprêzo. Mas o que me desconcertou foi o fato de ela haver engordado. Marya Nikolayevna tinha engordado muitos quilos.

Ela levantou um braço e enfiou-o numa das mangas. Apertado, muito apertado, e o outro também.

—*Esinká!*—exclamou ela.—Este suéter não me serve.

—Não pode estar pequeno—protestei.—Tomei as medidas. Tem de estar certo.

Eu lutava contra as lágrimas com tôdas as minhas fôrças. Marya Nikolayevna não devia ver-me chorar; nunca deveria saber quanto o leite, a farinha e as batatas significavam para nós.

—Minha querida menina—disse—você não esqueceu uma coisa?

Ela estava sorrindo, brincando comigo. Mais um segundo e eu iria chorar. Sacudi a cabeça.

—A vaca—disse ela.—A vaca que eu comprei naquele dia. O leite dela me fêz bonita e gorda. Se você ao menos se tivesse lembrado disso. Mas não fique tão triste. Não estou zangada. Você apenas terá de fazer o suéter outra vez.

Não pude falar. Tirei a peça de roupa dos braços gorduchos de Marya Nikolayevna como se estivesse tirando esparadrapo da minha própria pele.

Quando é que ela podia voltar para buscar o suéter?

—Talvez em dois meses—murmurei.

Senti-me como se me estivesse condenando à prisão perpétua.

Quando a porta se fechou atrás dela, sentei-me na cama ao lado do suéter. Apanhei-o e coloquei-o no colo. E comecei a chorar. Odiava aquela vaca. Estava zangada com a terra que não nos alimentava. Eu detestava-me por chorar como um bebê. Mas, acima de tudo, eu tinha medo de ainda estar apostando corrida com o leite bom da vaca.

—Pare de chorar!—disse eu alto.—E comece a desmanchar.

## O Sonho de Tatiana

NA PRIMAVERA seguinte, a nossa professôra, Raisa Nikitovna, anunciou que ia haver um concurso de declamação em agôsto. Eu decidi entrar, e pressurosamente examinei a lista de trabalhos entre os quais poderíamos escolher a nossa peça para o concurso. Na maioria eram poemas sôbre as glórias da União Soviética e seus líderes. Mas no fim estava *Eugene Onegin*, o conto de amor não correspondido de Pushkin.

Entre todos os meus professôres Raisa Nikitovna ainda me fazia sentir-me uma estranha, e com ela meu sotaque polonês era sempre mais carregado. Ela parecia ter-se encaixado numa pedra de gêlo. Eu detestava ter de pedir-lhe permissão para participar do concurso.

—*Você quer recitar uma ode ao nosso grande líder, Stalin?*—indagou ela sarcásticamente, aludindo à minha nacionalidade polonesa.

Confessei que, com o seu consentimento, eu queria tentar o sonho de Tatiana de *Eugene Onegin*. Ela recebeu minha escolha com um gelado franzir de sobranceiras, mas concordou.

Comecei a estudar como se me estivesse preparando para um espetáculo no Teatro Bolshoi. Eu decorava, recitava, lia e representava em frente de qualquer pessoa que quisesse ouvir. Começava: “E sonha um sonho maravilhoso Tatiana...”

Cem, duzentas vezes? Eu treinava, treinava, até que todos à minha

volta começaram a fugir do meu ataque. Mas eu teimosamente continuava, esforçando-me pela perfeição. Em meus próprios sonhos eu antevia aquêlo momento de entusiasmo em que meus ouvidos vibrariam com bravos... um aplauso ri-bombante que me levaria conseqüentemente aos palcos de Moscou, Leningrado, Varsóvia e Nova York.

Agôsto estava quente e o dia do concurso prometia ser abrasador. Assim que amanheceu, saí da cabana para tomar ar fresco antes dos outros acordarem. Da estepe subia o vapor do orvalho, velando a aldeia.

Eu ponderava sôbre o velho problema feminino. Que iria eu vestir? Tudo o que tinha para escolher era um vestido de algodão puído e uma saia de lã remendada em muitos lugares, que eu usava com um pesado suéter. Como naquela manhã desejei ter trazido de Vilna um ou dois vestidos de festa!

Mamãe reuniu-se a mim do lado de fora da cabana, e eu lhe pedi para ouvir minha declamação uma última vez.

—Querida filha, o próprio Pushkin nunca soube êsse poema tão bem como você. Tenho de me vestir e ir trabalhar.—Eu devo ter parecido acabrunhada, pois ela acrescentou: —Está bem, só mais uma vez, Esther... enquanto lavo a cabeça.

Madruguei e fui a primeira a chegar à escola para o concurso. Eu tivera esperança de que Raisa Nikitovna estivesse a quilômetros de distância, de preferência do outro lado

dos Urais. Mas, quando entrei, ela estava de pé junto a uma mesa, arrumando uns papéis. Seus olhos pardos e frios voltaram-se para mim.

—Deixe-me olhar para você—disse ela.

Fiquei esticada como uma agulha, os ombros para trás, a cabeça alta, os olhos evitando os dela.

Sua voz foi impiedosa.

—Que fêz você pensar que poderia subir ao palco sem sapatos diante de professôres e visitantes?

Fiquei calada. Olhei para meus pés empoeirados e descalços. Eu não tinha sapatos. Mas não podia dizer isso a Raisa Nikitovna.

Encontrei a voz:

—Sinto muito, Raisa Nikitovna—disse.—Esqueci inteiramente de calçar os sapatos. O entusiasmo do concurso . . . Vou correr . . . vou correr até casa.

—Trate de chegar a tempo—disse ela bruscamente.—Não esperamos por você.

Corri para fora da escola. Meu pânico era total. A única esperança era de que talvez pudesse encontrar em nossa cabana alguma coisa que substituísse os sapatos.

Enquanto corria, reprimia as lágrimas de perplexidade. Por que a pessoa precisava de sapatos para falar? Por que Raisa Nikitovna me odiava tanto?

Na cabana, com grande alívio, encontrei um par de chinelas velhas de feltro, que mamãe devia ter adquirido no *baracholka*. Calcei-as, mas eram tão grandes que me caí-

ram dos pés ao primeiro passo. Desesperada, procurei um pedaço de barbante. Então, com as chinelas debaixo do braço e o barbante prêso na mão fechada, corri de volta pela estrada de terra. Tinha a garganta sêca como papel e a poeira fazia meus olhos arderem, mas corri como uma alucinada.

Mal podia respirar quando cheguei à escola. Estava arquejante e tremiam-me os joelhos. Meu cabelo, longo outra vez, tinha-se desmanchado e caía-me nos olhos. Amarrei as chinelas com o barbante e entrei imperceptivelmente no auditório, indo em direção à mesa onde estava sentada Raisa Nikitovna. A sala estava cheia e todos os olhos voltaram-se para mim.

Num murmúrio, que nos meus ouvidos soou como um rosnado, Raisa Nikitovna disse:

—Lá . . .—Começou a apontar a extremidade da mesa, mas então viu as chinelas.—É isso que você chama . . .?—Meu coração parou de bater. Raisa Nikitovna olhou outra vez para as chinelas, depois para meu rosto sujo de poeira.—Você irá depois de Grisha—disse.

Mal eu me sentara, meu nome foi chamado. Ainda lutando com a respiração, subi os degraus da plataforma. Quase perdi uma das chinelas. Alguém riu abafadamente. Respirei profundamente mais uma vez.

—“E sonha um sonho maravilhoso Tatiana . . .”

As palavras saíram uma após outra na seqüência certa. Mas isso foi tudo.

A poesia de Pushkin desaparecera. Nada restava do colorido ou do espírito. Mas continuei, com os olhos sòlidamente fitos no chão.

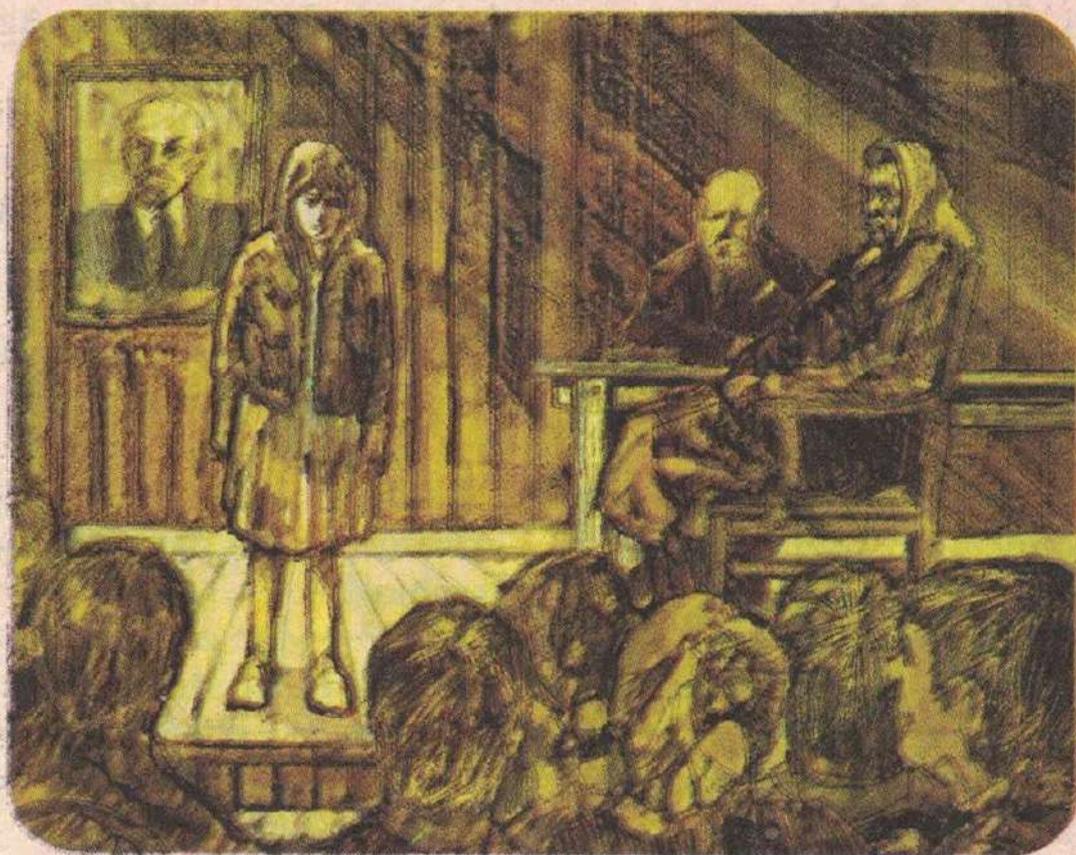
Terminei. O aplauso foi fraco e durou pouco. Caminhei para a minha cadeira, sentei-me e esperei que os juízes tomassem a sua decisão. Venceu uma menina chamada Katusha.

O concurso terminou e o meu sonho não se realizou. Mas eu não me

to relutante e, mais estranho que tudo, alguma generosidade também. O sonho de Tatiana não fôra inteiramente em vão.

### Uma Nova Utilidade Para Livros

No INVERNO anterior tínhamos sido ajudados por um casal jovem, conhecido por mim como Tio Yoziã e Tia Zaya. Êles eram judeus também, mas a não ser isso pouco tínhamos em comum. Pertenciam à elite



importava mais. Só uma vez enquanto recitava o poema ousei levantar os olhos do chão. Flutuando na minha direção em meio do enevoado cinza do auditório surgiu o rosto de Raisa Nikitovna, um rosto que eu nunca vira antes. Seu olhar frio, assustador, havia desaparecido. Em seu lugar havia uma expressão de respei-

e moravam num *novostroyka* (edifício nôvo), onde tinham um apartamento de dois aposentos e banheiro. Havia muita coisa que gostariam de nos dar—roupa ou comida—mas mãe sempre recusou delicadamente. Cercada por seu orgulho, ela era uma mulher difícil de ajudar. O único presente que ela aceitou foi uma

barra de sabão a que simplesmente não pôde resistir.

Mas naquele inverno, quando já não tínhamos combustível para aquecer a cabana, Tio Yozia e Tia Zaya ajudaram-nos a encontrar nôvo alojamento. E creio que sem êles mamãe teria finalmente fraquejado sob a tensão da vida siberiana. Boa palestra era um tônico para ela e com êsses dois amigos ela conversava sobre tudo: arte, literatura, música, exatamente como se estivessem num café em Vilna, Paris ou Londres.

Os proprietários da nossa nova cabana tinham um rádio, e pela primeira vez ouvíamos notícias do mundo exterior. Os russos estavam agora na ofensiva, expulsando os alemães em batalhas sangrentas. Eu ouvia com uma espécie de fascinação mórbida, desejando que papai estivesse a salvo.

No verão do concurso de declamação, Tio Yozia fêz-me matricular numa escola nova que estava sendo construída perto do *novostroyka* para os filhos de diretores e operários da fábrica. Seria uma escola muito melhor, disse êle, e na verdade eu iria encontrar lá alguns professôres realmente bons. Quase todos haviam ensinado em universidades na Rússia européia e tinham sido forçados a fugir dos exércitos alemães. Eram generosos com os seus conhecimentos e nos transportavam de uma remota aldeia da Sibéria para o coração de Leningrado e Moscou, aguçando nosso apetite pelo teatro, o balé, a música e os livros.

Os ventos do outono mais uma vez trouxeram a mamãe e a mim o cheiro feio da fome. Mais uma vez enfrentávamos o inverno com a despensa vazia. Para tornar as coisas piores, mamãe foi transferida da padaria, onde recebia uma ração extra de pão, para um emprêgo no *novostroyka*, onde o salário era pequeno e o trabalho pesado. Eu já estava farta de fazer tricô, mas então conheci uma costureira por intermédio do Tio Yozia e da Tia Zaya, e ela me deu algumas encomendas de costura.

Foi num domingo em que eu fui entregar-lhe algumas roupas prontas que experimentei realmente pela primeira vez uma tempestade de neve siberiana. A viagem levava uma hora em cada direção. Eu estava um pouco mais do que a meio caminho de casa quando vi os primeiros sinais de perigo. A neve começou a se levantar e a espiralar na estepe no fenômeno conhecido por *buran*, uma massa de neve rodopiante tocada pelo vento. Faz uma pessoa ficar inteiramente cega e é ainda mais perigoso do que o cair da neve. Então, como costuma acontecer na Sibéria numa grande tempestade de inverno, o mundo escureceu. O vento soprava com tanta fôrça que quase me derrubava, e agora a neve vinha tanto da terra como do céu. Eu procurava o caminho lentamente na escuridão. Se ficasse apavorada, se começasse a andar em círculos, se parasse, sabia que morreria, como já acontecera com inúmeras pessoas.

Entretanto, tudo o que eu podia fazer era manter-me em pé no vento, e não conseguia avançar em linha reta. Parecia que eu lutava havia horas.

Afinal, o vento trouxe-me um nôvo som . . . muito fraco. "Esther . . . Esther!" Era mamãe. Avancei cambaleando na direção do som e, depois de muitos passos em falso, caí nos braços dela. De pé no meio da estrada, a poucos metros da nossa cabana, sabendo que eu estava por ali em algum lugar, ela se transformara num farol humano. Foi isso que salvou minha vida.

Com a continuação do inverno nossa situação se tornava cada vez mais implacável, e mais uma vez Tio Yoziã e Tia Zaya vieram em nosso auxílio. Eles precisavam de algum dinheiro extra, disseram, e por isso haviam decidido vender algumas das coisas que tinham trazido de Kharkov. Queriam alguém que fizesse isso para eles e esse alguém era eu. Eu ficaria com metade dos lucros.

E assim comecei a comerciar no *baracholka* todos os domingos. Um batom uma semana, um vidro de água-de-colônia na outra, uma vez foram umas calças que Tio Yoziã não precisava mais. Eu me divertia muito. Mas quando Tio Yoziã me pediu para vender uma coleção de contos de Chekhov, não fui boa comerciante. Minha reverência pelos livros era muito grande. Fiquei ali de pé, calada, apenas segurando o livro no alto. Surpreendentemente,

muitos camponeses se aproximaram e o inspecionaram. Eu sabia que eles não sabiam ler, mas cada um pedia para segurar o livro e sentir as páginas com os dedos ásperos e ulcerados pelo frio. A mulher que o comprou mostrou-se embaraçada quando eu disse que esperava que ela apreciasse os contos. Não compreendi.

Poucas semanas depois encontrei a resposta do mistério. Tinha outro livro para vender e um velho segurou-o durante muito tempo, passando seus dedos nodosos pelas páginas.

—Ah!—suspirou êle—êste papel é muito fino.

—Muito fino para quê?—perguntei.—É um livro maravilhoso. Se nunca o leu, com certeza vai gostar.

—Pensa que vou ler êste livro?—Jogou a cabeça para trás e riu.—Não, não, minha menina, êste livro é para fumar.

—Para fumar?—repeti eu estupefata.

—Mas essas páginas são muito finas para enrolar cigarros—continuou êle.—Não agüentarão o fumo.

### Primeiro Amor

O CORAÇÃO de uma menina é indestrutível. Perpétuamente com fome e com frio na terra do exílio, eu me enamorei pela primeira vez. Sempre me lembrarei dêle. Tinha cabelos prêtos encaracolados, olhos pardos, rosto meigo e era o rapaz mais bonito da escola. Chamava-se Yuri.

Tudo nêle o fazia um Príncipe Encantado fascinante e inatingível. A menina que estava sempre com

êle era a beldade da escola. Tinha um sorriso pronto e olhos brilhantes. O pai dela dirigia uma fábrica e ela usava um casaco verde acolchoado luxuoso, um *fufaika*, que tôdas nós cobiçávamos. Tinha *sapogy*, bonitas botas que iam até aos joelhos e que a gente bem usava. Tinha Yuri. Tinha tudo.

Yuri, é claro, nem sabia que eu existia. Mas eu achei que podia modificar isso. Fôra anunciado que iríamos ter uma publicação estudantil, um jornal de parede, pois não havia impressora. Os artigos seriam escritos à mão, colados num quadro e pendurados na parede central, onde todos pudéssemos ler. O diretor deveria ser eleito pelo corpo estudantil. Raciocinei que se eu fôsse a redatora, por alguma lei natural da vida, Yuri seria colaborador e nós nos conheceríamos. Daí em diante, bem...

Fiz uma campanha intensa para conquistar a direção e ganhei a eleição. Não foi maioria esmagadora, mas, levando tudo em consideração, foi doce vitória para uma polonesinha exilada. Quanto a atrair a atenção de Yuri, entretanto, foi um fracasso total. Muito tarde descobri que êle não tinha aspirações literárias de espécie alguma.

Enquanto eu corria atrás de Yuri, outro rapaz corria atrás de mim. Chamava-se Shurik. Tocava guitarra lindamente, cantava bem e me cortejava com um copo de sementes de girassol de vez em quando. Mas não era Yuri.

Um dia disseram-me que anun-

ciasse no jornal que ia haver um baile à fantasia na escola.

—Baile à fantasia? Na Sibéria?— perguntou mamãe incrédula.—E de que é que você vai, pode-me dizer? De homem-de-neve?

Diante da palavra “baile” o rosto cansado de vovó iluminou-se um pouco.

—Como não será um baile veneziano, nossa Esther arranjará alguma coisa para vestir.

De fato, eu tive uma idéia brilhante sobre o meio de arranjar uma roupa original. Uma companhia teatral estava levando Chekhov na aldeia. Eu iria simplesmente à caixa do teatro e pediria, com muita delicadeza, que me emprestassem uma fantasia. Dias seguidos voltava da escola para casa sem me importar com o frio e o vento enquanto sonhava com um vestido branco maravilhoso—eu seria a Rainha da Neve, não um homem-de-neve.

Estava convencida de que não teria dificuldades no teatro, mas, quando me apresentei nos bastidores, fui bruscamente mandada embora. De modo que no fim tive de pedir emprestado um vestido a Anya Kaftal, uma amiga polonesa muito mais velha que eu. Não era um vestido de baile, mas um vestido de *georgette* azul vaporoso com mangas grandes armadas, que Anya usara em chás dançantes em Vilna. Eu imaginava onde ela esperava usar aquilo na Sibéria.

Quando experimentei o vestido, êle desabou em volta de mim como

um pára-quadras a cair em terra; de fato, parecia que eu tinha feito um salto imprevisto e ficara pendurada numa árvore. A solução era alinhar o vestido em mim na noite da festa. O decote, que me descia até ao estômago, foi franzido formando uma gola de rufos e a cintura foi apertada.

—Mas vou *de quê?*—perguntei a mim mesma em voz alta.

—De alguma coisa que você não é—disse mamãe. Depois acrescentou: —Na Sibéria a gente está sempre num baile de máscaras.

Shurik tinha-me convidado para ir à festa com êle e dissera que me apanharia às seis horas. Lembrei-lhe que a festa era às oito e levava apenas uma hora para ir até à escola.

—Andaremos devagar—disse êle. —E conversaremos.

E eu vou virar pingente de gelo com o meu vestido vaporoso e o casaco fino, pensei.

Mas naquela noite especial a estepe estava encantada. Uma Lua branca tinha traçado na neve um desenho com milhões de brilhantes. Tanta beleza dói, especialmente quando a gente tem 14 anos, especialmente quando o cenário é perfeito para a Rainha da Neve.

Shurik pegou na minha mão. Tirei-a. Lançou o braço em volta de mim. Afastei-me.

Quando chegamos à escola, a festa estava apenas começando. Eu estava trêmula de frio e também de animação. Yuri iria tirar-me para dançar?

Não, aquêle baile à fantasia não

era um baile veneziano. As fantasias nada tinham de glamurosas. Mas a beldade do baile, a namorada de Yuri, estava fascinante. Nos braços de Yuri, dançando, ela trajava um belo vestido vermelho de corpete apertado e mangas fôfas, e tinha muitas anáguas debaixo da saia. Quando passava dançando, deixava atrás de si um rasto de sussurros abafados.

—Onde foi que ela arranjou êsse vestido?

—Camarada, você viu a produção de *Cerejal*, de Chekhov, na semana passada? Não se lembra do vestido?

Então era isso! Quando uma deportadazinha faz um pedido, é recusado, não é? Mas quando a filha do chefe da fábrica pede, é uma ordem, não é? Essa é a sociedade sem classes. Fiquei furiosa.

Mas o baile à fantasia serviu para uma boa coisa. Creio que êle começou a cura e a aproximação da primavera completou-a. Um dia eu não estava mais apaixonada por Yuri. Eu passeava longamente com Shurik e conversávamos muito. A imensa estepe encolhia-se para acomodar um menino e uma menina. E na primavera eu deixei que êle segurasse a minha mão.

### A Volta do Exílio

NAQUELA primavera os vagões de gado vieram novamente numa corrente sem fim. Desta vez traziam prisioneiros de guerra alemães. Tôda a arrogância do passo de ganso tinha desaparecido, fôra expulsa dêles pela derrota. Mas para nós êles continua-

Kodak



# Pequena Maravilha!



Conheça a nova Filmadora KODAK INSTAMATIC M14. Carrega instantaneamente. Coloque um cartucho de filme e acione. Ela ajusta a exposição automaticamente. E tem um motor elétrico para movimentar o filme. É mais um dos modelos compactos das novas Filmadoras KODAK INSTAMATIC. Procure-a no seu revendedor Kodak... que você reconhece por este símbolo.



**Filmadora Kodak Instamatic M14**

vam sendo monstros. As histórias dos saques e das atrocidades haviam recebido muita publicidade, e nós os detestávamos.

Então, afinal, a guerra com a Alemanha terminou. Em 7 de maio de 1945 deu-se a rendição oficial em Reims. Só então soubemos a notícia mais terrível de tôdas. Veio dos sobreviventes dos campos de concentração, de cartas, da Cruz Vermelha. Nenhum membro da família de papai—irmãos, irmãs, seus filhos, tias, tios, primos—tinha escapado ao massacre dos judeus. Da família de mamãe soubemos que só dois primos e uma tia estavam vivos.

Nosso exílio nos salvara. Agora sentíamos que tínhamos tido muita sorte por têmos sido deportados. Fome, frio e miséria não eram nada; a vida nos fôra concedida. Quando mamãe e vovó acenderam as luzes por nossos mortos e disseram orações, eu me juntei a elas, dando graças a Deus por nos ter poupado.

Em agosto, depois que o Japão se rendeu, recebemos uma carta de papai. Êle estava bem, mas disse que não voltaria para Rubtsovsk. Isso estava de acôrdo com os desejos de mamãe; se, em vez disso, êle fôsse para a Polônia, talvez pudesse apressar a nossa libertação.

Eu não participava da esperança dela. Eu era como um animalzinho que tivesse estado numa armadilha por tempo demais para pensar em liberdade. Eu tinha um mêdo desesperado, terrível, de mudanças. Tinha esquecido como era a vida "lá".

Coisas bonitas, carros de luxo e comida gostosa tinham-se tornado lembranças apagadas; a vida na Polônia e mesmo a nossa casa tinham-se tornado uma fantasia. A realidade era ali na Sibéria.

Tentei falar sôbre isso com mamãe, e ela me olhou como se eu tivesse me tornado uma estranha, quase uma traidora.

Naquele outono fomos avisados que todos os deportados poloneses seriam enviados de volta. Nós iríamos para Lodz, não para Vilna. Nossa casa em Vilna, escreveu papai, tinha sido tomada pela NKVD local. Não havia mais nada lá para nós.

Pouco a pouco eu tentei acostumar-me à nova grande convulsão em minha vida.

—Mamãe—disse eu—gostaria de ter *sapogy* para usar na Polônia, as elegantes que as outras meninas usam aqui. E um *fufaiqa*, mamãe, um verde. Eu adoraria isso também.

—Pelo amor de Deus, Esther—respondeu ela—isso não é o que devem usar lá na Polônia.—Mas ela havia começado a entender meus receios.—Muito bem, talvez você deva ter *sapogy* e *fufaiqa*. Mas terá de ganhar dinheiro para comprá-los.

*Sapogy* e *fufaiqa*. Elas se tornaram roupas mágicas que me faziam invencível na jornada sombria de volta do exílio.

Em 15 de março de 1946 entramos nos vagões de gado que deveriam levar-nos. Eu disse adeus a minhas amigas Katusha e Zina, a Svetlana, minha melhor amiga, e a Shurik

Disse adeus às estepes, ao vento, à neve, ao calor, à monotonia. E ao espaço que a princípio me havia enchido de terror e mais tarde me havia aquietado e acalmado.

Os vagões de gado não tinham melhorado com os anos. Mas desta vez a carga estava cheia de alegria, cantando e rindo. Mais uma vez viajamos muitas semanas, fazendo muitas paradas. Quando atravessamos a fronteira da Rússia com a Polônia, algumas pessoas choraram, outras deram vivas alto, e outras ainda rezaram dando graças a Deus. Logo estávamos entrando em Lodz e eu me esforçando para ver Tata pela minúscula janela do carro.

Lá estava êle.

—Tata, Tata!—gritei.

Êle era tão querido, mas como parecia estranho com o paletó bem cor-

tado e o chapéu de feltro mole azul-marinho!

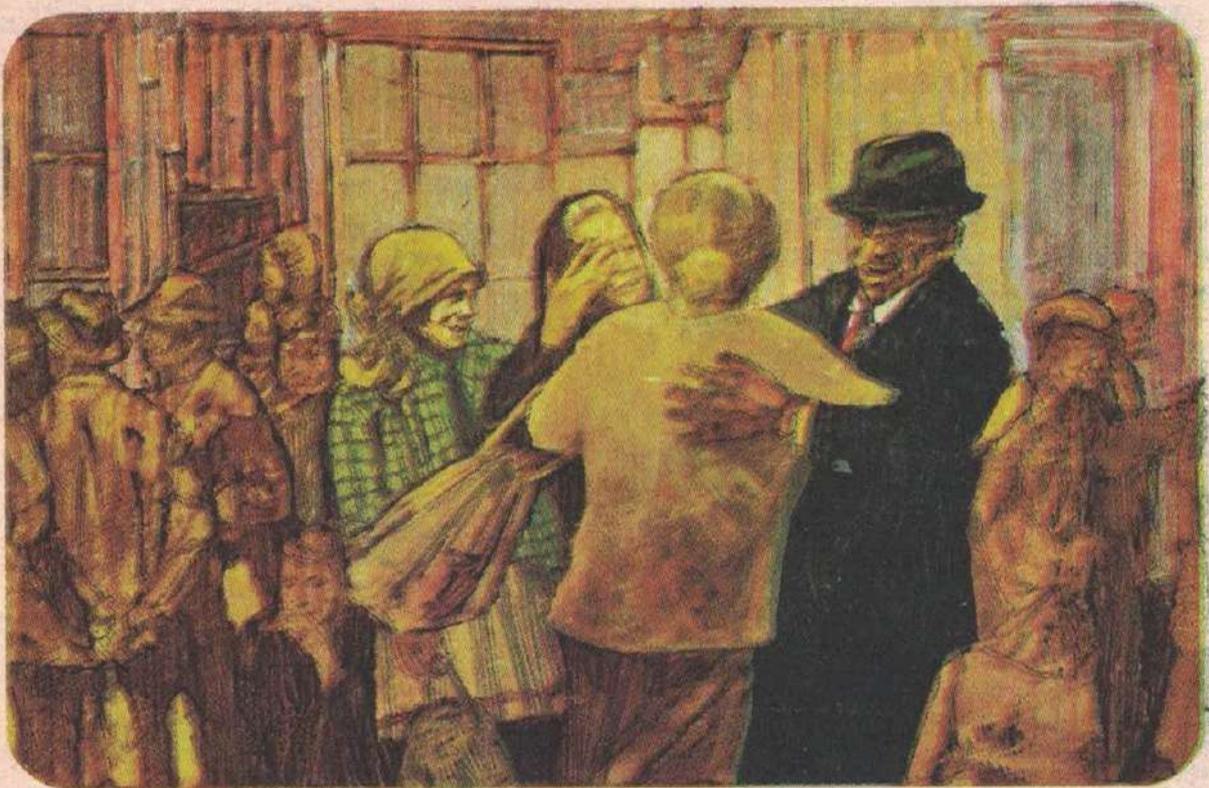
—Lalinka!

As portas foram abertas e saímos todos. Levou muito tempo antes que parássemos de nos abraçar e beijar, nós quatro que havíamos restado da família. Papai recuou e olhou para nós: vovó, mamãe e eu.

—Como estão tôdas magras, tão magras!—Depois virou-se para mim. —E suas roupas, Lalinka! Mas não se preocupe, a primeira coisa que faremos será comprar algumas novas para você.

—Mas, Tata . . .

Parei. Só as pessoas de lá da Sibéria é que usavam *sapogý* e *fufaiķa*? Eu sabia que a resposta era sim. Bem, então as roupas seriam postas de lado. Os anos na Sibéria tinham acabado; meu exílio terminara.



(Tradução de Marília Nunes)